

Suely Miguens Labuto



Retalhos
de muitas

v i d a s



Suely Miguens Labuto

Retalhos de
muitas vidas

 Editora **UNIFESO**

Série Arte e Cultura
Teresópolis 2018

Copyright © 2018 Suely Miguens Labuto
Direitos adquiridos para esta edição pela Editora Unifeso

Produção editorial: Editora Pontocom
Capa: Thiago Dantas (Thierry)

L127 Suely Miguens Labuto / Retalhos de muitas vidas
- 1a ed. ; Teresópolis : Unifeso , 2018.
Série Arte e Cultura

36 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-93361-12-8

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 821(81) (821.134.3)

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – FESO

Presidente

Antonio Luiz da Silva Laginestra

Vice-Presidente

Jorge de Oliveira Spinelli

Secretário

Luiz Fernando da Silva

Vogais

Jorge Farah

Kival Simão Arbex

Paulo Cezar Wiertz Cordeiro

Wilson José Fernando Vianna Pedrosa

DIREÇÃO GERAL

Luis Eduardo Possidente Tostes

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – UNIFESO

Chanceler

Antonio Luiz da Silva Laginestra

Reitora

Verônica Santos Albuquerque

Pró-Reitor Acadêmico

José Feres Abido de Miranda

Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Elaine Maria de Andrade Senra

CENTRO CULTURAL FESO PRO ARTE

Presidente do Conselho

Jorge Bragança

Conselho

Antonio Carivaldo Pires

Bruna Dodaro

Jorge Luís Dodaro

Marco Antônio Feres de Freitas

Nélio Paes de Barros

Vinícius Claussen

Coordenadora

Michelle Muniz Bronstein

COLEÇÃO FESO

A **Coleção Feso**, desde 2004, tem sido o principal meio de difusão da produção acadêmica do Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO, realizada a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos seus cursos de graduação e pós-graduação, assim como das suas unidades assistenciais e administrativas.

Primando pela qualidade dos produtos editorados e publicados, a Editora UNIFESO publica conteúdos relevantes nas mais diversas áreas do conhecimento através de um cuidadoso processo de revisão e diagramação.

É uma das mais importantes contribuições da Instituição para a sociedade, uma vez que a sua divulgação influencia na recondução de políticas e programas na esfera pública e privada, de forma a fomentar o desenvolvimento social da cidade e região. Todo esse processo fortalece o projeto de excelência do UNIFESO como Centro Universitário. Nossas publicações encontram-se subdivididas entre as seguintes categorias:

Série Teses: Contempla as pesquisas defendidas para obtenção do grau de “Doutor” em programas devidamente autorizados ou credenciados pela CAPES, publicadas em formato de livro.

Série Dissertações: Abarca as pesquisas defendidas para obtenção do grau de Mestre.

Série Pesquisas: Contempla artigos científicos, resenhas e resumos expandidos/textos completos. Estas produções são divulgadas em formato de livros (coletâneas), periódicos ou anais.

Séries Especiais: Esta publicação contempla textos acadêmicos oriundos de processo de certificação de docentes como pós-doutores.

Série Produções Técnicas: Abrange produções técnicas

advindas de trabalhos de docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos sobre uma área específica do conhecimento que contemplem produtos ou serviços tecnológicos (com ou sem registro de proteção intelectual); processos ou técnicas aplicados; cartas e mapas geográficos. As formas de divulgação destas produções podem ser em meios impressos ou digitais, no formato de cartilhas, POPs (Procedimento Operacional Padrão), relatórios técnicos ou científicos e catálogos.

Série Materiais Didáticos: Reúne os trabalhos produzidos pelos docentes e discentes com vinculação aos componentes curriculares previstos nos projetos pedagógicos dos cursos ofertados no UNIFESO.

Série Arte e Cultura: Abarca as produções artístico-culturais realizadas por docentes, técnicos-administrativos, estudantes, instrutores de cursos livres e artistas locais, assim como as produções desenvolvidas junto aos eventos do Centro Cultural FESO Pró-Arte (CCFP), podendo ser constituída por livros, partituras, roteiros de peças teatrais e filmes, catálogos etc.

Série Documentos: Engloba toda a produção de documentos institucionais da FESO e do UNIFESO.

A abrangência de uma iniciativa desta natureza é difícil de ser mensurada, mas é certo que fortalece ainda mais a relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Trata-se, portanto, de um passo decisivo da Instituição no que diz respeito a compreensão sobre a importância da difusão de conhecimentos para a formação da sociedade que queremos: mais crítica, solidária e capaz de enfrentar as dificuldades que se apresentam.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Elaine Maria de Andrade Senra

Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão – UNIFESO

Sumário

Prefácio	10
Um belo convite	11
A força de amar	12
Pano velho	13
À enfermagem em sua semana de 2010...	14
Morrer é renascer	15
Em morrendo	16
A rústica roseira	17
A lei maior	18
Amar!	19
Pura ilusão	20
Todo mundo berra	21
Sertanejar	22
Radiografia urbana	23
Senhora vida	25
Escola da alma	27
Amor palavra-luxo	29
Mulheres de Jerusalém	30
O mágico	31
Retalhos da vida	32
Meu balaiado	33
Nova percepção	34
Sobre o Autor	35

Prefácio

“Quando sonha, sente e vive o homem canta as vibrações de sua alma. É um desejo de comunicabilidade de falar ao próximo o que sente em seu íntimo. Estas simples poesias fixam instantâneos das minhas relações com personagens que passaram e marcaram o recôndito de minha alma. “Alma livre, sonhadora, feliz e agradecida por todos os encontros vividos.” Enquanto houver uma rosa, um raio de sol, o sorriso de crianças, a luz do luar, haverá a poesia, que é a música do coração a qual afasta a inquietação e contribui para a ampla reforma da mente, conduzindo o homem ao “Paraíso Perdido.”

Um belo convite

No marinho profundo do céu
Vê-se a natureza em perfeita grandeza
E com estrelas brilhantes
É feito o convite, com certeza

A ida é sozinho,
Levada por força leal,
Alcei voo a lugar distante
Como num sonho real

A certeza de estar só
Firma-me ao ver o vão.
Porém, este sentir se altera
Fica-se livre, só não.

Palavras brotam do coração,
E a mente é auxiliar.
Nesse vai e vem
É corpo e alma num só expressar.

Deus está ali
Com seu poder de perfeição
Sinto-me como nunca senti
E volto desta missão.

Na mente está desenhada
A luta que vou empenhar
Pela paz e união
E a esperança de sempre amar.

A força de amar

Duas pedras juntinhas
Viviam como num lar:
Na natureza perfeita,
Com um exemplo: doar!

No turbilhão desta vida,
Com muita água e muito ar
Desfez-se o encanto perfeito
Levando as pedras a rolar

Distantes uma da outra
Nas noites de lindo luar
Pensavam no triste destino
Restava somente sonhar.

Sentiam-se com dor atroz
Neste mundão de mar.
Saudades atordoavam
Sofriam só de lembrar!

Um dia brotou no peito
Uma força sem par
Uma sentiu a outra
Só pela “força de amar”.

Pano velho

O ontem passou como é certo.
O hoje... vivo a lembrar,
Aquele acalanto amoroso.
Que doei por tanto amar.

Lembranças vêm com frequência
Ocupando todo meu ser
Sentindo tudo tão perto,
Juro até este tempo viver.

Do sonho acordo com susto,
Da realidade brilhante tão bela
Vejo-me tão diferente,
Um retrato de óleo na tela.

E o tempo teimoso a passar
Cada vez mais depressa enfim.
No rodamoinho vou eu,
À beira do trampolim.

Às vezes penso até,
Como um pano velho bordado
Jogando em qualquer canto.
Sem serventia, largado.

Ele teve seu tempo de mocidade
Foi tratado com cuidado
Secou lágrimas e sangue,
Porém isso também é passado.

À enfermagem em sua semana de 2010, com carinho especial

Diante de semblantes descoloridos,
Dor, lágrima, lamento
De vozes torturadas e gemidos.
Ouve dia e noite, a todo momento.

Suspirando pelo bálsamo
Com a incerteza do socorro,
Surge o anjo de alado invisível
Que tem mãos que sempre libertam,
Que da dor, do corpo ou da alma,
Vencendo com seu auxílio.

Mestre, Divino Mestre!
Dê aos enfermeiros o seu dom
De paciência, ânimo e bênção,
Afinados em seu tom!

Morrer é renascer

Para muitos, morrer é lei.
Nascer, crescer e morrer...
É o estado do nada.
Retornar ao pó é dever.

Negando a palavra do homem-ciência.
Negando de Deus, a criação.
Partindo do nada para o nada,
Sem busca e elevação.

A criação é como um canto
Mavioso, em inebriante entoação.
Viver inspira, encanta.
E nos leva à gratidão.

Morrer não é então
O nada, estado farsante.
É acima de tudo, superação.
É crescer como gigante.

O corpo já na matéria
Recria magistralmente
A alma mantém-se viva
No seu caminho ascendente.

O ontem hoje e o amanhã
Justapostos em essência,
Eclodem em comunhão
Dando a tudo coerência.

Em morrendo

Surdo vento a espalhar
Sinais de veneno, e a alma envolver.
Tremor, sofrimento e pânico e
Fraqueza que faz qualquer um ter.

São notícias em jornais
Em rádios e em tv
Exploradas sem cessar.
Meu eu sofre com temor.
Tudo leva a sobressaltar.

O mundo assolado está
Por desonra, vandalismo e frieza.
É morte do corpo, é morte da alma.
Tudo e todos precisam de defesa.

Tortuosos caminhos se apresentam
Porém só em um há acolhida.
Nele não há morte, nem solidão.
É ele o caminho, a verdade e a vida!

A rústica roseira

Sejamos como a rústica roseira
Aquele que em inóspita terra
Com suas hastes espinhosas
Faz-se flor a perfumar
E resplandecer uma paisagem

Rústica roseira que ascende,
Como asas luminosas
Através de suas flores
As quais ultrapassam fronteiras e mundos
Levando à vida: a beleza
Enriquecida de cor, frescor,
Encantamento e iluminação
Na arte de pintá-la,
Ou ainda ser cantada
Por palavras ou sons fecundos.

E levando à morte: o lenitivo
A grandeza da vida bem vivida
À luz imperecível da ressurreição e da vitória.

A lei maior

Passar por esta vida é difícil
De cilada em cilada
Vemo-nos sem saída
Em meio à encruzilhada.

Destinos tortos, presenciamos.
Vidas marcadas com traço.
Almas perdidas sofrendo
Precisando de um regaço.

Por direitos, dinheiro e fama,
Perde-se o homem em ilusão
Não percebe que com lei ou ordem,
Não se ganha só o pão.

Nessa trilha violácea
Não se vence com cartadas.
Em um tempo, com certeza
Teremos todas cobradas.

Porém, há uma saída
Que nestas linhas vou marcar,
Como lei maior da vida
É só verdadeiramente amar.

Amar!

Amar destemidamente,
Amar sem interesse vil
Não usar de formas malévolas,
Ou de armadilha ardil.

Amar, amar por amar,
Por doar em dó sustenido,
Para a terra e para o céu,
Para que não seja olvido.

Abuse do carinho, da afeição,
Do afago e da doação.
Suspire o bem querer
Exploda seu coração.

Pura ilusão

A vida se compõe de chaves
D' aquelas que abrem portas...
Uma é paciência
Que ampara e reconforta.

É apoio de braço irmão,
Ouvindo que escuta cala.

É a mente calma
Que jamais se desespera.
Com voz que adoça pesares.
Vestindo a dor de verdade
Em túnica de esperança.

É dom de um Deus
Com plena bondade justiça.
Luz que clareia a vida,
Que vibra, nasce e renasce no coração.

Aquele que nega a alma,
Não luta pela união,
Leva a vida a bel prazer
E sofre a pura ilusão.

Todo mundo berra

Se puxa o rabo do gato
Ele solta um urro.
O cachorro, na certa, voraz
Faz o mesmo que o gato faz.

Se tropeça o homem
Um grito solta também.
Não deixa barato não,
Logo xinga alguém.

Diz o índio,
Aquele nosso silvícola,
Que o trovão é a voz do santo,
Quando, danado fica.

Do piar ao cacarejo
Alvoroça o galinheiro
Pelo susto inesperado
Com visita de estrangeiro.

Essa história está mal contada.
Quando diz que “o bom cabrito não berra”.
Por pão, justiça ou guerra
Na terra todo mundo berra.

Sertanejar

Toca, toca violinha,
Dedilhada com carinho.
Saem sons, todos mesclados
Aconchegantes como um ninho.

Da natureza são sons diversos
Que ecoam no mato e na lagoa.
Pássaros, insetos, sapos e pererecas.
População que lá povoa.

Céu matizado com brancas nuvens.
A brisa sopra sempre e devagar
E sussurra a soluçar
Em movimento singular.

Terra que incuba e gera
Faz o trigo florescer.
Produz trabalho e alimento,
Para o homem colher.

Com estes ricos retalhos
Desde a alva madrugada
Ao entardecer do dia,
Finda mais uma jornada.

E nós cá da cidade
Gasto lugar do solo ao ar,
Com inveja lá da roça,
Querendo mudar de lugar.

Matuto, roceiro ou capiau,
Queria eu ser também,
Viver feliz no meu canto,
E rico sem ter vintém.

Radiografia urbana

Ando pelas ruas da cidade,
Percebo a mudança constante.
Tudo muda tão depressa.
Como também o meu semblante.

É o prédio demolido,
O constante dinamismo.
E o antigo e novo,
Em mútuo dualismo.

Ficam para trás, torres de tijolos,
Árvores centenárias e o lirismo.
Bancos, calçadas e cercas,
Tudo se vai em nome do modernismo.

E eu, sonhador obscuro,
Idealizador devotado
Sinto-me distante do tempo
Em meu âmago marcado.

Pendurado em uma linha
Fantoches do sistema visível
Que vive, sonha e morre,
Neste mundo indescritível.

Minado na alegria de viver,
Colecionador de lágrimas sou,
Busco aprender prá permitir mudança
Dançando neste trampolim, eu vou!

Apesar da realidade circundante
Permito buscar a fé
Como base para tudo
Só ela me sustenta de pé.

Mesmo de asa cortada
Vejo que a verdade liberta.
Prossigo em busca da vida,
Com minha consciência aberta.

Senhora vida

No silêncio noturno
Surge um misterioso sentimento,
Como ritmo vago do coração
E sôfrego pensamento.

Indefinível estado este,
De verdadeira orfandade.
Será o crepúsculo da vida
Que leva a mocidade?

Na simetria da vida,
Em seu equilíbrio perfeito
Na construção perpetua
Tudo, tudo do seu jeito.

O tempo passa glorioso, célere.
Aqueles dias ditosos se vão.
Todos escorrem ligeiros,
Como areia na palma da mão.

Para o jovem parece troça...
Porém é a pura verdade.
O divino encanto muda
E se perde toda vaidade.

No corpo já sem vigor
A mente canta cantigas
Belas, alegres ou tristes
Todas já bem antigas.

É nesta força sentida
Que se revigora a mente.
É a memória ativa
Que traz consolo à gente.

Peregrinos na visão celeste,
Como criança imaculada,
Percebemos toda nossa existência
A riqueza a nós legada.

Escola da alma

A vida terrena é
Nada mais do que escola.
Para muitos, é prisão
Pois fazem dela morada-gaiola.

Vivendo sob os valores
Da desonra e corrupção,
Não evoluem nem aproveitam
A vida como lapidação.

Deixam-se em felicidade exclusiva
Sem amor e sem partilha
Sucumbem-se dia a dia
Sem conhecer a cartilha.

Em todos os momentos vividos
É certo que contém a lição.
Aproveitar-se destes momentos
Nos leva à evolução.

É com tolerância e paciência
Ou até na fala amiga.
É a mão sempre estendida
Aquele irmão em fadiga.

É o cantar do amor
À natureza bela
Que se vislumbra sempre
De nossa pequena janela.

É o momento difícil,
Aquele que nos causa dor
Busque o remédio verdadeiro
Naquele vidrinho do amor.

O amor é força, é vida.
Orna qualquer instante
E faz de nossa atitude
Um momento importante.

É na luta diária
Que vem a conquista eterna
Do homem em romagem terrena
Em convivência fraterna.

Amor palavra-luxo

Nos tempos que vivemos,
Necessitamos todos buscar,
Na terra, no mar e no céu
Motivos sinceros para amar.

Amor, palavra-luxo,
Nem todos têm acesso a ela
É preciso muito exercitar
Pois seu custo não é bagatela.

É luxo porque é raro
Como pedras de diamante.
Não tem preço, nem troca
Dá-se por ser amante.

Mulheres de Jerusalém

A dor, quase sempre, é companheira
Da mulher, nesta vida desde a infância.
São fases, mudanças mil.
Todas, porém, com sua importância.

É o crescer de cada uma,
Neste mundo de imperfeição.
Vividos em exemplos vistos
Em casa, em livros e televisão.

Surge então novo pensamento
Que não se cabe de onde vem
É a força do âmago nascida
Que na certa vem do além.

Força está provada
Por mães, avós, filhas deste harém
Que triunfam como Marias,
As mulheres de Jerusalém.

O mágico

Em minha vida simples
Muitos mágicos conheci.
Daqueles artistas de circo
Aqueles esplêndidos que convivi.

De todos os que por mim passaram,
Ficou o inesquecível.
Aquele que o de vidro fez brilhante
Do momento pobre e descolorido,
O fez ser deslumbrante.

E hoje em todos os momentos
Busco lá dentro, destemida.
O semblante alegre daquele mágico
Novo esplendor em minha vida.

Então ouço a música típica
E ante a aquarela ofuscante,
Com cartola mágica
Surge meu mágico galante.

Retalhos da vida

Analisando fico
Os meus tempos já vividos.
São anos e anos passados.
Todos belos tempos idos.

Se por enganos passei,
Nem mesmo os senti.
Acho que no bolso guardei
E lá os esqueci.

Tive sonhos dos mais lindos.
Ilusões das mais sentidas.
Mas a vida soprava depressa
Com novas ilusões coloridas.

Não guardei o ranço da vida,
Nem aqueles dias azedos.
Todos trouxeram surpresas
Que me afastaram dos medos.

Hoje, deixo meu rastro,
Uma vida de bonança
Na qual sempre alimentei
A figura da esperança.

Meu balaiado

Entre arabescos vou rodar,
Pisando nuvens a tecer.
Num caminho perfumado
Por sândalo a me envolver.

Como em conto de fadas,
Transpus a porta do além.
Com o coração descompassado,
Voei livremente também.

Fiquei então encantada
Nesta fração de tempo vivida.
Fui, na certa, viajante,
Num mundo em que fui acolhida.

Foi um bailado de paz,
De Pasárgada, trouxe o céu,
De sutil fragrância divina,
Com doce sabor do mel.

Nova percepção

Em busca de novo tempo,
Para ampliar a percepção,
Como ideal verdadeiro
Alcançar esta aspiração.

Percorri muitos caminhos,
Tive ideias e preconceito.
Lanço-me às novas plagas,
Buscando a luz como efeito.

Luz com fulgor e regência,
De brilho encantador.
Aquele que sentimos
Com olhos do puro amor,

Amor palavra-chave,
Base para qualquer atitude.
Refúgio do coração e
Bênçãos de nova virtude.

Meu rastro é de aceitação,
De fé e de amor-irmão.
Distante do dano e da dor
Tornei-me mediador.

Sobre o Autor

Nascimento em Teresópolis: 05 de Abril de 1946, viúva de Marcos Fonseca Labuto. Atuou profissionalmente nas funções de docente, supervisora estadual do Rio de Janeiro e secretária-geral de ensino do Unifeso. Tendo, portanto, atuado em todos os campos da educação por mais de 50 anos de serviço. Mãe de Mônica e Thaís e avó coruja de Maria Antônia, meus retalhos de seda bordada a ouro.

